



DÉCO PELA CIDADE

texto: Genilda Alexandria¹

fotografia: Wolney Unes²

As imagens que se seguem materializam um convite para percorrer um itinerário assimétrico, um percurso de espaços construídos numa narrativa visual de geometria acentuada. Por vezes se é tentado a parar defronte a fotografia e seguir percorrendo as linhas retas e curvas até que o conjunto se complete em platibandas, numa fachada, nas ferragens de uma esquadria ou numa escultura. O olhar acostumado de cada dia desvela-se e é possível que se deixe escapar um *Como eu não vi isso?*

Surge então uma vontade de ver. Essa vontade pode ser saciada (ou estimulada) pelo arranjo singular projetado no enquadramento das imagens que se revelam nas páginas seguintes e, que por um outro instante, consumiu o fotógrafo observador.

No contexto das cidades, a vontade de ver não é um fato novo, além de passada tanto pelo particular prazer de observar do *voyeur*, entrelaçado pelas ruas e imerso na paisagem, quanto pela inspiradora vontade de mostrar. A representação da cidade por pintores renascentistas trouxe a visão em perspectiva como principal orientação da experiência do mostrar, tornando o observador *descorporizado*, como diria Martin Jay (1988): uma forma de ver neutralizada que não nutre um comprometimento com o que se vê. O pensamento urbano, o projeto da cidade, aproxima-se desse ver totalizador, aspirando a uma organização racional que constrói o espaço. A fotografia, imbuída da tecnologia, também compartilha da aspiração de uma construção, da construção da imagem.

¹ Designer gráfica, especialista em patrimônio pela Unesco e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais da UFG.

² Professor na Universidade Federal de Goiás.



No entanto, a visualidade que nos interpela ao longo do percurso tem o sutil poder de desmontar lugares-comuns. Pois às cidades estão inerentes os processos culturais e as representações particulares daqueles que imprimiram formas ao seu plano. Michel de Certeau (2001) se referia a *práticas do espaço* por entender os lugares e a própria arquitetura como referências passíveis de apropriação. Uma possibilidade de tecer os lugares que não se reduz apenas a seus traçados gráficos, vai além e transborda as mais intrínsecas subjetividades.

Essas construções do visível são misturas de fragmentos de processos urbanos e de imaginários – uma intenção de comunicação entre as pessoas – que a cidade de múltiplas vozes engendra. Aqui, o art déco encena a cidade ou a cidade encena o art déco. Assim, mais do que fixar-se puramente em conceitos, convidamos o leitor a vislumbrar a abundante presença da arquitetura orientada por esse estilo nas cidades brasileiras. E, de sobressalto, descobrir fotografias que não se explicam num primeiro olhar distraído, é preciso fixar os olhos e deixar que as formas fotografadas declarem-se cenário urbano.

A abstração e a arte decorativa floresceram nas mais diversas paragens. Foi um esforço motivado pela busca do contemporâneo, mas de expressão cotidiana, que se fez presente do interior do Rio Grande do Sul até o sertão nordestino, sem abandonar outros Estados brasileiros.

A grande disseminação do estilo desafia o tempo e se faz presente no Brasil de hoje, transcendendo tipologias, usos e organizações funcionais. Diversos edifícios-tipo dos Correios ainda persistem com suas características originais, ao passo que antigos cinemas transfiguram-se em templos de fé sem refutar o estilo que lhe agrega monumentalidade.

Poderíamos, então, localizar na profusão do estilo no Brasil, nos deslocamentos e nas apropriações – resultados dos arranjos do homem sobre o seu espaço –, a capacidade de conceber e construir o ambiente cultural a partir de referências que vamos tornando nossas. Assim a escultura alada espreita o sertão, as formas orgânicas imitam a natureza mais próxima e a expressão do cotidiano marca os espaços no tempo da contemplação.

Cabe mais uma vez provocar a vontade de ver, já que a invisibilidade própria das cidades de Italo Calvino² parece ter irremediavelmente contagiado os exemplares déco que inspiraram a arquitetura das cidades num país em ávido crescimento. Uma invisibilidade que veio se instalando por meio de fachadas e intervenções desmedidas empreendidas aos edifícios e que se completa na ação tímida de pesquisa e registro desse patrimônio.

A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata. (...) Mas a cidade não conta seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras (Calvino, 2008, p. 14-15).

E o leitor, que cidade quer ver? Apreciemos, então, os artefatos do visível, pelo ângulo mais inesperado, onde texturas, volumes, formas e cores provocam as revelações que o cenário pode contar, quem sabe aqui mesmo, do outro lado.

Referências

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: I. Artes do fazer*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

JAY, Martin. *Campos de fuerza: Entre la historia cultural y la crítica cultural*. Buenos Aires: Paidós, 2003.

² Referimo-nos a *As cidades invisíveis*, de Italo Calvino, que sensibiliza para o símbolo complexo que é a cidade.



Gradil na entrada de uma residência.
Nepomuceno (MG)



Entrada do teatro do Grande Hotel Empresa.
Cambuquira (MG)



Fachada de uma residência revestida de pó de pedra.
Jundiaí (SP)



Cine Estrela (1956).
Ipameri (GO)



Janela de um edifício residencial.
Porto Alegre (RS)



Platibanda em edifício comercial.
Caxias (MA)



Coreto na Praça do Centenário (1948).
Santarém (PA)



Igreja e colégio Dom Bosco (1941).
Goiânia (GO)



Edifício administrativo da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (década de 1920).
Porto Velho (RO)



Sobrado residencial.
São João del Rei (MG)



Colégio Acreano (1933).
Rio Branco (AC)



Monumento da Praça Visconde de Cairu (1934),
com o Elevador Lacerda (1930) ao fundo.
Salvador (BA)



Obelisco na Praça Vicente Dutra (1947),
com igreja ao fundo.
Iraí (RS)



Rádium Hotel (1938).
Cipó (BA)



Monumento à Revolução Constitucionalista (1947).
Piracicaba (SP)



Detalhe da porta de um edifício comercial.
Natal (RN)